

Problemas e virtudes na defesa da biografia

Idalina Conde*

Resumo: Num percurso duplamente reflexivo, tanto sobre o que legitimamente se diz em defesa da biografia, como sobre os modos em princípio mais problemáticos de a defender, este texto procura reavaliar enunciados típicos da retórica de acompanhamento do método biográfico. Mas na intenção também de, nesse revisitar de argumentos, poder chegar a propôr algumas condições protocolares para o uso da biografia entre as quais se conta a intervenção de três tipos de teorias auxiliares de pesquisa: teoria do instrumento, teoria das relações sociais de observação a ele inerentes e teoria das experiências sociais da subjectividade.

1. Interesse pelo argumento

Por não ser tanto sobre os *usos* mas sim sobre *argumentos* dos mais típicos a favor do uso da biografia nas ciências sociais, particularmente na sociologia, demoramo-nos aqui menos nas práticas de investigação dos diversos estudos que recorrem ao método biográfico e mais na ordem dos princípios epistemológicos, teóricos e técnico-metodológicos que inspiram a adesão a essas práticas tal como ela se tem feito sentir no movimento de verdadeiro entusiasmo "passional" pelas histórias de vida a que se assistiu e continua a assistir.

Quer isto dizer, portanto, que na incoincidência possível entre a *lógica da intenção* e o *resultado da acção*, junto de muitos dos autores evocados, tanto argumentos "problemáticos" avançados na defesa da biografia podem ir a par de usos "virtuosos", assim como, inversamente, as "virtudes" do argumento podem não eliminar "problemas" no uso. Quanto ao interesse pelo plano dos argumentos em si de que aqui se dá testemunho, compreende-se antes de mais por serem eles *contextualizadores do uso* no sentido de enunciarem condições impostas e implicações induzidas pela biografia nos quadros do conhecimento sociológico, seja principalmente quando usada em exclusivo, seja mesmo se aparece em parceria com outros procedimentos nas práticas de investigação. Mas não só. Esse interesse compreende-se ainda se tivermos em mente como a própria produção inflacionária de argumentos laudatórios da biografia, em curso desde que foi saindo dos bastidores para ocupar a nossa atenção no centro do palco, convida à reflexão sobre uma espécie particular de *retórica*. Retórica que, como discurso de acompanhamento, não deixou de acusar um certo "fundamentalismo", cometendo os seus

* Docente do Departamento de Sociologia do ISCTE, investigadora no CIES

excessos nas versões mais inflamadas pelo típico entusiasmo "de fundação", para já não dizer também uma certa improdutividade discursiva a encontrar sobretudo quando transparece algum défice entre o uso "dóxico" destes argumentos a favor da biografia e os resultados realmente tangíveis do seu uso na pesquisa. Em suma, algum défice entre a palavra "preambular" sobre as virtudes do uso e uma prática efectivamente "minimalista" desse uso.

Ora, bem entendido, o objectivo aqui não está em condicionar e muito menos travar a adesão à biografia. Não obstante, compromete-se em passar de idealização do instrumento "panaceia" à apreciação realista das suas virtualidades práticas — naturalmente com seus próprios limites, como acontece com qualquer instrumento e procedimento de pesquisa. E recriando assim uma necessária distanciação analítica no contexto do envolvimento com a biografia, também se tornará possível chegar ao enunciado de algumas condições protocolares para o uso da biografia.

2. O entusiasmo no contexto

Voltados para as histórias de vida que trazem ao cimo os protagonistas da história vivida, e assim voltados, portanto, para a história do vivido, praticamente todos os autores dos que mais se referem ao método biográfico reconhecem na biografia um *estatuto particular* relativamente aos outros instrumentos operatórios de pesquisa, pelo que as suas reflexões vão bastante mais além da mera apreciação técnico-metodológica. Na realidade, reflectem, com maior ou menor alcance, sobre todo um *paradigma de conhecimento* com implicações vastas e, assim, o renascimento do interesse pelo método biográfico em sociologia com extensão às outras ciências sociais, parece corresponder a uma orientação teórica e epistemológica global que, feita embora por caminhos diversos, tende a convergir num mesmo movimento de *retorno ao sujeito* da acção social.

Todas as ciências, muito em particular as ciências sociais, são sempre espelho das condições, também elas sociais, que as tornem possíveis — e, aliás, é justamente esta intimidade entre "formações sociais" e "formações teóricas" com os seus quadros substantivos e instrumental prático de conhecimento que, por estar nos fundamentos da ciência, justifica a sociologia da ciência (Almeida e Pinto, 1982). Do mesmo modo, a direcção intelectual de vocação "pós-estruturalista" que enquadra a biografia não foge à regra pois, direcção que combate o unitarismo metodológico e objectivismo epistemológico positivista, contrapondo conhecimento "ideográfico" a conhecimento "nomotético", assim como revalorizando metodologias intensivo-qualitativas em contraponto com a dominância das extensivo-quantitativas, ela move-se no cenário mais amplo do individualismo ou segmentarismo subjectivista contemporâneo, que irrompeu num período também culturalmente mais pluralista ao lado de outras tendências típicas do virar de século das sociedades do capitalismo avançado. Tendências que trouxeram para o terreno da reflexão questões como a da disseminação dos movimentos sociais, "tribalização" ou grupalismo contratualista, ecletismo de valores, relevância do quotidiano, dos modos de vida e sobretudo das novas formas de identidade pessoal (Bertaux,

1980: 201-202; Pais, 1984; Finger, 1984; Bell, 1979; Habermas, 1975; Maffesolli, 1980, 1985; Santos, 1988; Mozzicafreddo e outros, 1990).

Pluralismo e individualismo servem então de contexto no qual se compreende porque, num debate à entrada dos anos 80 sobre a actualidade e entusiasmo pelo método biográfico, Francis Godard se interrogava sobre a necessidade de, *antes de mais*, “hoje se trabalhar sobre o indivíduo” questionando assim o “estatuto da causalidade histórica” e revertendo a favor de um “outro olhar político sobre as classes e os interesses de classe” (in AA. VV., 1981: 53-58). Trabalhar sobre o indivíduo, por seu turno situado no local — de forma análoga reemergem os estudos de comunidade —, significará mudar o ponto de vista cognitivo. As condições dadas instalam a óptica do sujeito como *portador de história*, o sujeito de que falam as histórias de vida emblemáticas da história que dá primeiro lugar ao sujeito. Por via da biografia, diz-nos Franco Ferrarotti, é a própria história que “desce” à “historicidade concreta da praxis humana” numa “concepção mais rica, mais vasta da historicidade”, “historicidade não historicista da história que vem de baixo” (1983:29ss).

Isto impõe necessariamente uma *translação do olhar* porque falar da história activa no presente implica restituir, na acção concreta, a intencionalidade e o voluntarismo de indivíduos situados. Embora seja verdade que nem todos os autores assumam com toda a franqueza a visão “mais” individualista supostamente inerente à biografia, mas também porque ela se oferece a diferentes tipos de uso como veremos. Em todo o caso, o importante a sobressair nessa translação é passar a tomar o anónimo e silencioso *património* de cada um na qualidade de *património* colectivo a construir-se no presente e projectar-se no futuro: no sentido em que passa a interessar sobretudo a face activa e instável da estrutura social, o fundamento dos processos de mudança e mobilidade que, em última instância, estão nas mãos dos indivíduos, chame-se-lhes, consoante as localizações teóricas, agentes, actores ou sujeitos.

Mas, “contração aórtica do social no individual, do nomotético no ideográfico, da diacronia na sincronia”, se assim a vemos como Franco Ferrarotti ou se assim a entendemos como a generalidade dos autores, a biografia perde a conotação tão só individualista para se situar nesse *lugar geométrico de intersecção* que contém em si a heurística própria do “paradoxo epistemológico” — praxis sintética que *singulariza* no indivíduo a *universalidade* da estrutura social — e própria da sua própria “ambiguidade sociológica” — nela coexiste a sociedade nascente com a sociedade estruturada, a acção social em curso com a acção social reificada, a previsibilidade antecipatória com a imprevisibilidade aleatória da conduta (Ferrarotti, 1983: 25, 26, 29, 51-54; 1984). Consequentemente, para este autor de tradição marxista e inspiração existencialista, a reposição contemporânea da biografia portadora de uma tal complexidade, afinal a complexidade da *juntura* “indivíduo - sociedade” que dissolve esse velho hiatus “fantasma”, obriga à fundação de uma *alternativa sintética* no âmbito dos paradigmas de conhecimento disponíveis mas divergentes. Nesta perspectiva, ele mesmo tencionou abrir caminho ao que chamou de “nova antropologia do capitalismo avançado” o que, por vias em boa parte

dissemelhantes mas em idêntica busca da alternativa, levou Daniel Bertaux a defender uma "etnossociologia didáctica, histórica, concreta, fundada na riqueza da experiência humana" (Ferrarotti, 1983:80; Bertaux, 1980:221;1981).

"A riqueza da experiência humana..." — numa atmosfera que acorda a vocação humanista das ciências sociais, eis o *leitmotiv* no qual ganham de novo extraordinária audibilidade as palavras lançadas há muito por Wright Mills tanto contra a "grande teoria" como contra o "praticalismo empirista" da dupla tradição norte-americana. São palavras que apelam à imaginação sociológica para restituir essa riqueza no confronto com a diversidade humana. A imaginação que procurando a inteligibilidade anti-determinista do processo social (porque "o destino não é uma categoria histórica universal") na compreensão "viva" das acções humanas concretas e situadas, à biografia atribuirá o lugar de *charneira* entre o grande curso histórico e o protagonismo directo dos indivíduos. É na biografia que melhor entendemos como "todos somos criaturas e criadores"; ela serve para "estudar os limites estruturais da acção humana (mas) numa tentativa de encontrar o seu *ponto de interferência* efectiva (1982:169, 188).

"A variedade humana inclui a variedade dos seres humanos individuais, que também a imaginação sociológica deve apreender. Nessa imaginação, um brâmane de 1850 está lado a lado com o agricultor pioneiro de Illinois; um "gentleman" inglês do século XVIII, lado a lado com um aborígine australiano, juntamente com um componês chinês de há cem anos, uma política na Bolívia de hoje, um cavaleiro feudal em França, uma sufragista inglesa em greve da fome em 1914, uma estrelinha de Hollywood, um patricio romano. Escrever sobre o "homem" é escrever sobre todos estes homens e mulheres — e também sobre Goethe, e sobre a moça que mora ao lado (...). Dentro da biografia de um indivíduo e dentro da história de uma sociedade, a tarefa social da razão é formular escolhas, ampliar o alcance das decisões humanas no processo histórico. O futuro das questões humanas não é apenas um conjunto de variáveis a serem previstas. O futuro é o que está para ser decidido — dentro dos limites, sem dúvida, da probabilidade histórica. Mas essa probabilidade não é fixa; na nossa época, os limites parecem realmente muito amplos" (1982: 145, 188-189).

É pois do lado desta "sociologia de rosto humano", a não confundir com o que cai na "ideologia da inefável condição humana", que Daniel Bertaux (1971; 1980: 211; in AA. VV., 1981: 62-64) nos conta como foi a releitura de Mills e dos pioneiros no uso dos documentos pessoais que lhe "despertou" o seu "humanismo espontâneo": a já citada *Imaginação Sociológica* de Mills, a célebre obra de W. Thomas e F. Znaniecki, *The Polish Peasant in America*, os *Filhos de Sanchez* de Oscar Lewis (1979), as monografias de Chicago¹.

Mas é realmente um humanismo sociológico de dupla conotação porque, se em autores como Bertaux (que, com Ferrarotti, liderou o relançamento da biografia na sociologia) serve sobretudo para cumprir o programa de conhecimento de Mills, com a biografia a responder à inteligibilidade requerida por esse programa, já em autores como Ferrarotti se enfatiza muito mais um humanismo directamente devedor de propósitos emancipatórios. Aqui, o uso da biografia chega mesmo a corresponder a um "prolongamento" da sua "sociologia como participação" para o

interior da micro-relação entre sujeito e objecto na lógica interventora do envolvimento social do sociólogo (1983: 52, 79, 88ss; 1984).

Técnica com tempo longo de escuta do outro, e por isso "oto-biografia" como lhe chama Villiers (1984), chegando também a servir usos prático-pedagógicos, como acontece até na formação profissional que lhe recorre para fins de auto-reflexividade conduzida dos sujeitos (AA.VV., 1984), a biografia pode então apresentar-se como instrumento *dúplice* portador de um *duplo valor*, para usar de novo as expressões de Ferrarotti: valor *heurístico* por tudo o que já se disse e valor *existencial* por dar a vez e a voz a um sujeito devolvido à sua plena condição de sujeito, cujo acesso à auto-tematização o ajuda a tomar consciência de si e do seu papel na história colectiva. E que melhor exemplo se poderia dar aqui senão esse exemplo recorrente das "minorias dominadas" que Ferrarotti escolhe tal como a generalidade dos autores? Na óptica do valor heurístico, o uso da biografia junto dessas minorias permite, entre outras virtualidades, "atingir feixes sociais e estruturas de comportamento que, pelo seu carácter de marginalidade, escapam aos dados adquiridos e formalmente elaborados, ou às imagens oficiais que a sociedade dá de si própria". Quanto ao valor existencial, ao dar a palavra, a biografia repõe essa "historicidade que vem de baixo" dando acesso a uma auto-consciência instigada pela célebre questão de Bertoldt Brecht: "Quem verdadeiramente construiu as pirâmides? Os faraós que lhe deram o seu nome ou, pelo contrário, os milhares de escravos que transportaram a areia e as pedras sobre os seus ombros?" (Ferrarotti, 1983: 13,33,45).

Enfim, por todas estas razões e relevando mais ou menos o humanismo com que se procura "a riqueza da experiência humana", o certo é que as histórias de vida há muito praticadas na antropologia — embora nem sempre em conjunturas favoráveis, como aconteceu sob o domínio de Lévi-Strauss ou do estrutural-funcionalismo (Langness, 1973; Morin, 1980) — e emblemáticas da Escola de Chicago (Becker, 1986; Bertaux, 1971), conheceram uma reentrada triunfal nas ciências sociais desde finais da década de 70, depois de trinta anos de relativo abandono. E trata-se de uma reentrada que decorreu tanto sob a égide da diversidade teórica e empírica, por serem várias as tradições que a usam para também variados objectos de pesquisa, como sob a égide da transversalidade disciplinar porque à biografia aderem não só a sociologia e antropologia, mas ainda a psicologia, história ou demografia, por exemplo (Bertaux, 1980:202-203; Thompson, 1980, 1981; Denzin, 1981; Camargo, 1985; Macioti, 1985; Peneff, 1988; Szczepanski, 1981; Courgeau e Lelièvre, 1989; AA.VV., 1980).

Porém, com uma velha história e novo entusiasmo, que por vezes assumiu foros de verdadeira cruzada anti-positivista, esta adesão incondicional à biografia não deixa de merecer algumas reservas pelos problemas pertinentes que põe. E justamente a começar pelas tomadas de posição muito perto do tom de *manifesto* proclamado por "hereges" contra "ortodoxos" na defesa da sua alternativa². Mas como é próprio dos manifestos, também aqui a ênfase nas virtudes da biografia pôde às vezes ter contornado a resolução prática de alguns problemas postos pelo

seu uso, assim como, na lógica do manifesto, se pôde ter cometido alguns excessos discursivos que vale a pena recordar para relativizar.

3. A latitude problemática da biografia

Talvez o mais emblemático desses excessos, na contundência crítica contra as práticas científicas estabelecidas, seja aquele que, por um insensível deslizamento de sentido, indissocia *positivismo* e conhecimento *positivo*, mesmo se as fronteiras entre um e outro possam ser ténues e ambíguas. "Não há leis sociais!", clamava até um autor dos menos "existencialistas" como Daniel Bertaux em 1981, para depois declarar que "a cientificidade da ciência é um mito!". Mas seria oportuno dizer que já a segunda proposição se afigura equívoca por reduzir a noção de *cientificidade* aos protocolos de uma sociologia linearmente positivista, com a consequência de se ter de concluir que a biografia participa numa "ciência sem cientificidade".

Certo, assim a viram e verão os "positivistas". Mas o que parece mais correcto e mais interessante é precisamente propôr uma definição lata de cientificidade onde caibam necessariamente *também* os protocolos da compreensão de vocação hermenêutica com as suas metodologias intensivo-qualitativas, *sem excluir* a explicação de conotação "positiva" com as suas metodologias extensivo-quantitativas. Até porque, para "não deitar fora o bebé com a água do banho", há que reconhecer *positivamente* (isto é, construtivamente) que nem toda a sociologia dita positiva é obrigatoriamente positivista.

No limite, pois, sobressai aqui um certo *efeito dogmático* devedor da defesa do *exclusivo da alternativa* cujo problema fundamental está precisamente em se agarrar à oposição radical entre uma e outra forma de conhecimento (explicativo e compreensivo), mas ambas idealizadas como "tipos puros" vistos em termos antinômicos. Ora, se existe cientificidade desejável nas ciências sociais e a construir particularmente na sociologia, ela deve implicar essa capacidade em gerir o sincretismo (tanto possível como necessário) de ambas para resultar numa apreensão compatibilizadora. Uma apreensão tanto aberta à problemática das regularidades como das singularidades sociais. Do ponto de vista técnico-metodológico, disto advém então uma estratégia multicentrada de pesquisa onde a biografia deve vir apreciada na sua comparticipação com outros procedimentos operatórios porque ela, por si só, pode muito naturalmente não responder a tudo o que se quer saber, para além dela ter de vir situada em matrizes contextualizadoras do indivíduo para também se tornar inteligível.

Aliás a este efeito dogmático poderia juntar-se ainda um certo *efeito demagógico*, até porque o primeiro vive e aparece dobrado do segundo no sentido do dogmatismo se "justificar" em função da visão da biografia como a tal panaceia ou porta mágica para sair, resolvendo-os, de todos os problemas classicamente postos por dicotomias às ciências sociais divididas entre objectivismo e subjectivismo, holismo e individualismo metodológico. A biografia tem realmente um carácter eminentemente sintético, e com o "humanismo" inerente às relações sociais de observação por ela suscitadas, chegaremos enfim a um "objecto" passado à plena

categoria de sujeito na interacção "confessional" com o sociólogo. Acontece, porém, que a biografia não responde definitivamente a *qualquer* propósito de investigação prática, e se tem virtudes, são virtudes que devem ser apreciadas no âmbito da sua própria latitude problemática, atingindo os pólos teórico, epistemológico e especificamente técnico-metodológico (Alain Jeantet in AA. VV., 1981: 84-87).

Assim, no plano da relação entre biografia e teoria — ou na falta dessa relação, como acusam os críticos do "biografismo sociológico" — surge o problema da *literalidade* em cujo risco incorre a biografia espontaneísta com as suas "ilusões de transparência" a que tanto faz alusão Jean-Claude Passeron num texto mais recente (1989), como sobretudo Pierre Bourdieu na sua já muito citada denúncia da "ilusão biográfica" (1986)³. Para este risco, aliás, já havia advertido o próprio Franco Ferrarotti a propósito do "problema da autonomia do método biográfico", "com uma empiricidade reificada como se os factos falassem por si, dado o carácter sintético de uma vida" (1983:41).

É o risco da "nova epistemologia do vivido contra o construído" — afinal defendida com frontalmente por autores como Guy Jobert (in AA.VV., 1984: 8-9) —, mas que, se rendida ao "encantatório" desse vivido, já entra numa perigosa aproximação ao veredicto do "small is true" como acusa Francis Godard (in AA. VV., 1981:80). Ou literalidade que, para chamar as coisas pelo nome, como faz Nicole Gagnon entre outros, quer literalmente dizer "neo-empirismo": tão redutor, atomista e linear como o supostamente inverso "positivismo", à mercê do qual ficará o sociólogo da 'escuta', calado para deixar falar os factos" mas que assim se arrisca a ficar ele próprio "mudo de facto". Sintomático de uma vida, e inseparavelmente também dessa apropriação simbólica investida no real que é a memória de uma vida, "cada *récit* é, continua a autora, uma leitura crítica da situação e de si, determinada por um projecto construído por meio de definições adquiridas na experiência biográfica" (1980:291, 295; 1981:48-51; Paredeise e Tripiet in AA.VV., 1981:41). Ora, não só precisaremos de saber antes de mais *como e o que* é que se quer saber *sobre e desta* "leitura crítica", como precisaremos de saber ainda quais as *condições* para esse saber. Ou seja, condições postas tanto no plano dos procedimentos a seguir no curso da investigação prática, mas ainda antes, condições postas no plano dos modos de apreensão cognitiva — ou perspectivas do conhecimento sociológico — a mobilizar que, por seu turno, chamam a questão (inseparável da biografia) do olhar a ter sobre o *sujeito* da vida.

Por isso, e neste último sentido, houve quem se perguntasse, por exemplo, se "não andamos a contornar pela metodologia o problema (mais amplo e mais fundamental) do papel do indivíduo no processo histórico" (Kauffman in AA.VV., 1981: 48), com a consciência de aqui estar subentendida uma interrogação de fundo, também com óbvias implicações práticas na recolha e tratamento da biografia: se o indivíduo serve tão só ou quase tão só de trampolim para captar concretizações específicas de um dado colectivo (a biografia "totalizante", grelha de leitura das relações sociais), ou se é o indivíduo que interessa não apenas como lugar de confluência, mas sobretudo de mediação, transfiguração e antropogénese

dessa relações (a biografia "singularizante", sensível à fenomenologia do sujeito e mesmo a fenómenos do inconsciente na psicologia individual) (Magri *in* AA. VV., 1980: 67; Godard *in* AA.VV., 1981: 30, 68, 78).

Mas problema simultaneamente levantado por vários autores, embora enunciado de formas diversas porque diversos são também os objectivos que o levantam, este problema da relação entre biografia e teoria impõe começar por esclarecer o que aqui se entende por teoria. Com efeito, se se tiver em vista a multiplicidade de quadrantes teóricos que têm recorrido a este instrumento, razão há em concordar com Daniel Bertaux quando ele diz que, por mudar, redefinindo-a, a *relação entre prática e teoria*, a abordagem biográfica não requer necessariamente uma teoria em particular. E chama-lhe justamente abordagem biográfica para destacar esse estatuto de *via* de conhecimento alternativo com o seu amplo conjunto de implicações específicas (epistemológicas, teóricas e processuais), ao invés da biografia vista como mera técnica de recolha de dados no uso mais convencional e também menos heurístico das histórias de vida em certos estudos da sociologia e antropologia. Bertaux refere-se então ao facto de, no curso da recolha e tratamento paralelo dos *récits*, à procura do ponto de *saturação*, se ir reconciliando a reflexão com a observação num incessante vai-e-vem entre hipóteses interpretativas possíveis e sucessivas revelações empíricas, com a consequência de assim se ir remodelando a concepção estabelecida à partida sobre perfis, processos e relações sociais⁴. É nestas condições que a abordagem biográfica aparece como uma "elucidação progressiva do movimento de produção de práticas e relações sociais", tendo chegado mesmo a afirmar que não há lugar para alguma "teoria da práxis", por definição "não teorizável" e que, se é a restituição da prática que está em causa, pois então deve a sociologia produzir "mais *descrição* em profundidade do que *explicação*" "mais leitura que *predição*" (*in* AA.VV., 1981: 24, 64; 1980: 202; 1981: 31-44)⁵.

Da perspectiva de Bertaux, no entanto, obviamente não se infere que a teoria *não* existe — porque existem as tais remodeláveis "concepções à partida" formulando hipóteses potencialmente reversíveis, e se elas existem é porque devem vir equacionadas numa *problemática* de investigação teoricamente informada por um corpo articulado de contributos substantivos, estes sim provenientes de várias "sedes teóricas", necessária e pertinentemente conjugadas em função tanto dos objectivos como do objecto de pesquisa. Será pois neste sentido que também no recurso à abordagem biográfica continuaremos a falar da *função de comando da "teoria" ou matriz teórica principal*, coadjuvada de específicas *teorias auxiliares* — nos termos em que as formula José Madureira Pinto (1985: 14ss). Já esclareceremos quais, no nosso entender, serão as teorias auxiliares necessárias para o uso da biografia — teorias tanto de natureza substantiva como de natureza processual. Mas antes conviria notar que a perspectiva de Daniel Bertaux levanta ela própria um problema relevante.

De facto, por assentar na óptica da saturação, é uma perspectiva que subentende o uso de uma rede de biografias cumulativamente recolhidas até ao tal "ponto" a partir do qual mais nenhuma outra acrescentaria mais nada à cobertura intensiva

e extensiva de uma dada realidade. Simplesmente, existe também a questão da escolha possível entre *uma* ou *várias* biografias cuja resposta há-de depender tanto da problemática de investigação como da correlativa função de comando central porque, na verdade, a abordagem biográfica tem, *a priori*, uma dupla disponibilidade: disponibilidade para servir uma lógica de *inferência generalista* estribada na representatividade “tipológica” dos casos contidos num conjunto de biografias, casos procurados ou seleccionados sob o princípio de propriedades individualmente recorrentes e, desde logo, extensíveis a um grupo, um contexto, um sector (Magri *in* AA.VV., 1981: 77); mas disponibilidade também para servir uma lógica de *referência particularista* sob o princípio das propriedades individualmente diversas, portanto sensível à singularidade específica do caso escolhido por esta e não outra razão⁶. Nestes termos, deixam de fazer sentido tomadas de posição abstractas a favor de uma e contra outra das opções: virtudes e inconvenientes do uso só podem ser contextualmente aferidos, isto é, na relação com propósitos, problemas e objecto de pesquisa.

Consequentemente, acontece pois que se a dupla disponibilidade da abordagem biográfica existe *a priori*, já a decisão a tomar sobre qual dos usos virá *a posteriori*, ou melhor, deverá inscrever-se e resultar de toda uma prévia formulação da pesquisa. A primeira conclusão a retirar é então a de que o pólo especificamente técnico-metodológico não independe do pólo teórico. Mas também como muitas das peculiaridades da biografia se colocam precisamente no tipo de procedimentos práticos (selecção e número, recolha e interlocução, tratamento e interpretação), e como ainda cada um dos usos possíveis impõe as suas próprias condições operatórias, numa segunda conclusão dir-se-ia que a pesquisa com recurso à biografia terá de vir coadjuvada de uma específica *teoria auxiliar processual* — uma *teoria do instrumento*, para usar a “velha” expressão de Pierre Bourdieu (1968) mas que aí ainda não incluía o método biográfico — sistematizadora dos requisitos e operações inerentes a um e outro uso⁷.

Falar de um possível duplo uso da biografia não significará, bem entendido, ter de recair no confronto entre “biografia singularizante” e “biografia totalizante”, pelo menos nos termos em que atrás se aludia a propósito de lugar para uma “teoria do sujeito”. Nesse confronto, subentendia-se afinal a dicotomia entre a “biografia ideográfica” e a “biografia nomotética”, para voltar à expressão de Dilthey (1984), parecendo então que só ao sujeito da primeira se devolvem a intencionalidade e reflexividade evadidas da segunda. Todavia, assim, a segunda acabaria por ser ela própria uma “biografia anti-biográfica” porque, realmente, a biografia chama directamente a “questão do sujeito” se, e só se, claro está, for usada nas condições da sua “autonomia heurística”. E não nessa qualidade de “inquérito qualitativo” ou como mera ilustração de “casos qualitativos”, secundária e rotineiramente acoplados a estudos de vocação extensivo-quantitativa (Guy Jobert *in* AA. VV., 1984: 11; Ferrarotti, 1984; 1991). No entanto, no nosso entender, o problema da dualidade não está bem colocado porque a mesma procura de uma *inteligibilidade centrada* no sujeito — aberta ao modo como é “produtor” de si enquanto indivíduo, na matriz social, nas condições que o “produzem” e habilitam para assim ser — terá de

dominar como direcção teórica e epistemológica, seja na opção por uma, seja na opção por várias biografias⁸.

Aliás, indicar-se-á mesmo mais: quer a decisão pela biografia (numa ou noutra modalidade de uso), quer a operatoriedade do instrumento devem vir ainda informadas por uma segunda *teoria auxiliar*, agora de natureza substantiva, teoria relativa às *experiências sociais da subjectividade* apta a esclarecer, para uma via de pesquisa que solicita o discurso em nome próprio do sujeito, quais os modos socialmente diferenciados (por classes, grupos, condições, categorias) de acesso à individualidade, com os modos correlativos de construção da identidade pessoal na sua relação com as formas de identidade colectiva. Porque, enfim, é com esta preocupação em substantivar especificamente a *natureza do sujeito*, que se perceberá o tipo de *auto-tematização* praticável (também assim se perceberá como a pedir) no horizonte dessas diversas construções sociais do sujeito. Sem obviamente perder de vista a própria distribuição desigualitária dos recursos como das competências discursivas mobilizáveis nos actos de narração da vida. Trata-se, pois, de ter a consciência de que para saber ouvir e compreender os outros, é preciso começar por compreender como eles se compreendem a si mesmos, até antes de nos preocuparmos com a questão, mais familiar à generalidade dos autores citados, de como é que nos compreendem quando connosco se encontram para serem ouvidos, se fizerem ouvir⁹.

Quanto a essa questão mais familiar aos autores, ela debruça-se quase exclusivamente sobre a experiência (inter) subjectiva em que um "objecto" narratório é elevado à categoria de sujeito narrador pela escuta atenta desse auditor (Catani 1984: 109) e intérprete especializado que é o cientista social. Com a consequência, porém, de trabalhar com "textos" marcados por "verdades (já) interpretadas, parciais e parcíveis", produzidos na "*dialéctica relacional*" (Pineau, 1986) "micro-relação" de um "conhecimento a dois" em que "o conhecimento de um homem se torna conhecimento integral do outro". Ou seja, "comunicação significativa" fundada no "pacto de paridade estatutária" e conseguida pelo "contrato de confiança com cláusula de confiança". Enfim, cita-se aqui a retórica relativa ao pólo *epistemológico*, praticamente hegemónico por esse "acontecimento interlocutório" (Mona Ditisheim in AA.VV., 1984: 200) no quadro da sua peculiar relação social de observação que é o *encontro sujeito-objecto*: o segundo delegando no primeiro o seu saber e poder, com o primeiro na qualidade de "enunciador do vivido" mas ambos, neste verdadeiro "empreendimento estatutário" (Catani in AA.VV., 1984:102), com estatutos potencialmente reversíveis pois, diz-nos agora Ferrarotti (tal como se depreende de autores mais radicalmente hermenêuticos), "não (é) um encontro de um sujeito activo e de um objecto passivo, mas um casal de dois parceiros que jogam papéis alternados" (1983: 12, 13, 52, 54, 59; Bertaux in AA.VV., 1980: 20; Kholi, 1981).

Compreensivelmente, numa experiência de auto-exposição (inter) pessoal desta natureza, na avaliação das condições que a tornam possível contam-se rigores deontológicos, para garantir livre vontade, autenticidade e anonimato do testemunho — embora haja quem pratique a co-autoria com o consentimento do depoente

(Catani, 1986) —, introduzindo assim directamente a dimensão *ética* no trabalho científico (Marsal, 1986). Mas deixando por agora de lado esse aspecto, interessa então notar como, *louvados* até os *efeitos de mútua interferência* no quadro do “acontecimento interlocutório”, podemos mesmo chegar ao limite de uma radicalidade, apesar de tudo não generalizada, como esta expressa pela voz bem autorizada de Ferrarotti para quem a “ilusão da objectividade nega a qualidade relacional do método biográfico”. Limite que não estranha, antes até adere à possível mútua dissolução suscitada pelo facto do observador estar radicalmente implicado no campo do observado, com este sendo interferido mas também interferindo naquele e então,

“...o processo circular de feed-back torna ridícula qualquer presunção de conhecimento objectivo. O conhecimento não deve ter o 'outro' por seu objecto; em vez disso, deveria ter por objecto a interacção inextrincável e absolutamente recíproca entre observador e observado. Daqui advém um conhecimento mutuamente partilhado, enraizado na intersubjectividade da interacção, um conhecimento tanto mais profundo e 'objectivo' quanto mais integral e intimamente subjectivo. O preço a pagar pelo observador para obter um conhecimento científico do seu objecto, será o de reciprocamente ser conhecido por este último. O conhecimento torna-se assim no que a metodologia sociológica sempre desejou evitar: um risco” (Ferrarotti, 1991: 171-172).

Nestas condições, eis-nos, em síntese, não só em face do reconhecimento, mas mesmo de argumentos a favor do investimento numa *dupla ordem da subjectividade* implicada no uso da biografia. É que, por um lado, existe a subjectividade inerente ao relato da vida com “textos” onde pesa a “ambivalência de verdade” — porque contando o *facto* objectivo, são depositários também da representação pessoal e subjectiva desse facto (evocado com a sua parte de projecção imaginária, auto-emulatória, etc), e ainda facto “recriado” na própria *representação* de si face ao auditor, no encontro a dois. Quanto ao auditor-intérprete, também ele não escapa à sua subjectividade provinda, quer da interpretação que faz do que ouve, quer sobretudo da cumplicidade com que ouve, à luz do primado do envolvimento contra o da distanciação. Assim, então falar-se-á de um *efeito de subjectividade do(s) interlocutores* dobrado do *efeito da intersubjectividade da interlocução* aproximando-nos muito perto mas numa versão “científica”, do triângulo projectivo (“eu”, “ele” e “ambos”) que noutra lugar vimos caracterizar a biografia de vocação literária (Conde, 1993, I). Com a projecção pessoal de cada um, dobrada da projecção da relação entre ambos, também aqui, “o *récit* biográfico conta uma vida? Digamos que conta uma interacção presente por intermédio de uma vida” (Ferrarotti, 1993: 52-53).

Em boa verdade, contudo, será preciso reconhecer que esta versão excessiva da empatia (gnoseológica e indissolúvelmente existencial) pressuposta numa dupla auto-implicação (do sujeito e do objecto), está longe de colher adesão incondicional. Bertaux, por exemplo, não partilha do subjectivismo “existencialista” de Ferrarotti que, no extremo, assume mesmo a impossibilidade de um conhecimento sociológico do social extrínseco a esse social. E conviria dizer igualmente que

mesmo em Ferrarotti, o argumento subjectivista é até exemplar da retórica do acompanhamento pois que no uso da biografia tal como ele o promove, por importante que seja, a interacção apenas participa como *um* dos “momentos analíticos” da biografia entre outros como os de enquadramento (contextualização, temporalização) e de validação (saturação), facultando o controlo, embora imperfeito e parcial, de um tal (inter)subjectivismo (1983: 43ss; 1984: 29-30).

Em todo o caso, mesmo se se deve relativizar o consenso à volta do dogma do “subjectivo contra o objectivo”, não deixa de ser verdade que, mais ou menos explicitamente defendido, o problema da (inter)subjectividade posto pela biografia não parece propriamente problemático para quem a usa com a ênfase nas “virtudes”. Num eixo, aliás, que medisse o grau de sensibilidade hermenêutica entre dois limites inversamente simétricos, a conclusão mais óbvia a retirar, por diversos que sejam esses usos, é que, contra o “grau zero” ou pólo mínimo dessa sensibilidade, o do *objectivismo* estranho à bidireccionalidade do conhecimento “a dois” e autista também quanto às suas próprias marcas simbólico-ideológicas, são usos que, mesmo com diferentes gradações, tendem a vir comandados pelo pólo inverso, o do *subjectivismo* admitindo e aderindo até à impureza relativa do conhecimento científico. Uma impureza de resto saudada no processo de construção social de sentido com a sua dialéctica cognitivo-relacional, e particularmente saudada junto dos mais hermenêutas como Martin Kholi, por exemplo, para quem, “(se) a verdade é situacional e histórica”, não pode haver, por isso, nenhuma “teoria geral do envezamento” (1981: 68, 71).

Os mais hermenêutas, compreensivelmente, são também os que mais se comparam nesta denúncia da falácia de um conhecimento científico “puro” muito à maneira do positivismo rasteiro, e também dos que mais, numa circularidade obsessiva, reflectem sobre e praticam mesmo (num exercício muito retórico) a doutrina da “confissão humanista” do sociólogo, se assim se pode dizer.

Bem entendido, ao citar toda esta retórica, está certamente longe das nossas intenções cair no seu contrário — como se, inconfessadamente, e sob o comando do pólo tão só objectivista, se alimentasse uma qualquer esperança de chegar a universais do tipo dessa dita “teoria geral de envezamento”! A assunção frontal da natureza de um conhecimento social e interactivamente participado não tem de excluir a tentativa de confluir para o *centro* desse eixo, aceitando os compromissos de cumplicidade, é certo, mas sem deixar de ir equacionando igualmente *condições elementares* para o *uso e controlo* possível do trabalho biográfico.

Nesta medida, para além da função de comando da teoria ou matriz teórica central que já por si elimina muitos esforços meramente retóricos para garantir a distanciação no quadro de um ineludível envolvimento; para além também da teoria auxiliar relativa às experiências sociais da subjectividade, participando no saber sobre *que* distanciação e envolvimento parecem possíveis, assim *como* aí entrar em recolhas diferentemente situadas de histórias de vida; para além, enfim, dessa outra teoria auxiliar do instrumento governando a respectiva aplicação prática, ainda se juntaria ainda um último enquadramento necessário: o de uma teoria substantiva e de âmbito processual relativa às *relações sociais de observa-*

ção, para usar aqui a proposta de outros autores (Almeida e Pinto, 1986a). Teoria referindo-se, então, ao triângulo de interações projectivas que se viu inerente à interlocução biográfica mas que, de resto, se impõe igualmente noutras situações de confiança intimista próximas do isolamento testemunhal a que tanto se presta a biografia. Simplesmente, relações sociais de observação a levar em conta e com as quais teremos de nos socializar nós próprios, elas servem não para nos cercar ou cercar na tal circularidade hermenêutica obsessiva, e sim para *situar*, com as devidas implicações nesse seu "habitat" natural, a tarefa que, tão só em proveito de um *melhor* conhecimento sem imaginar modelos definitivos, é a de tentar conhecer compreensiva e positivamente, isto é, construtivamente.

4 . Enfim, sempre com a biografia

Postos que estão os problemas, ou pelo menos alguns dos problemas, e sugeridas que foram igualmente propostas para com eles lidar, só por redundância se voltaria agora a insistir nas virtudes da biografia. Sobressaíram decerto neste duplo percurso reflexivo, um percurso sobre *o que* legitimamente se diz em sua defesa, ao mesmo tempo que sobre *modos* aparentemente mais problemáticos dessa defesa. A terminar, no entanto, e para que a ênfase nos problemas não se sobreponha à das virtudes, justifica-se chamar ainda alegações finais a favor do *uso generalizado* da biografia ou de variantes biográficas indo da longa história de vida ao *micro-récit* centrado apenas num aspecto, da "life story" contada pela pessoa à "life history", estudo sobre uma pessoa (Bertaux, 1981: 7-8; Catani, 108-108). Uso aberto a vários fins e a instituir ou "rotinizar" no melhor sentido do termo, mesmo quando a biografia não comanda, apenas participa com maior subsidiaridade num qualquer programa de pesquisa. Mesmo quando, portanto, só intervém a *montante*, ora como "porta de abertura" na fase exploratória para perscrutar e levantar hipóteses a verificar, ora como forma *sui generis* da aproximação intimista e cautelar a universos de referência e modos de vida marcados por particularidades mais intrigantes, interditos mais sensíveis, desconfianças mais reticentes (Vidal, 1980; Vilgard, 1980).

Ou então a *juzante*, quer no relançamento de hipóteses já validadas, mas relançadas à procura de maior consistência por exemplo, quer quando a pesquisa estagna, como Howard Becker o disse muito bem num texto a ler sobre estes diferentes fins possíveis no uso da biografia, quando esgotou a análise, pelo menos em algumas dimensões ou variáveis cujo alcance e precisão só aumentarão em novos lances; quando, em suma, a redundância se traduz num rendimento decrescente do conhecimento a pedir, pois outros pontos de fuga, e então, com a sua "riqueza de detalhes", a biografia pode contribuir para abrir a domínios contíguos pouco ou nada explorados pelo corpo central das hipóteses que comandam o estudo.

Desse texto, e ao lado da excelente imagem de "mosaico biográfico" contra a tão instalada lógica do "estudo isolado"¹⁰ na pesquisa tradicional — "mosaico" ou rede progressiva de biografias onde cada uma enriquece a visão de conjunto do

quadro colocando sempre, uma a uma das unidades (indivíduos, grupos, instituições), na configuração específica das suas relações, e aí realmente prestando tributo à óptica subjectiva dos agentes (“começar a questionar a delinquência do ponto de vista da delinquência” como fez, por exemplo, o célebre livro *The Jack Roller*) —, vale a pena lembrar o reparo exemplar sobre a biografia como verdadeiro contexto de prova, se assim se pode dizer, pelos efeitos virtuais que trará para as estratégias de validação das teorias. Becker referia-se então às “virtualidades do caso negativo” com “propriedades diferentes mas reveladoras de processos ainda não revelados”, inaugurando, ou mais frequentemente, alargando os nossos quadros de conhecimento se com ele mantivermos uma relação atenta e aberta¹¹. E se se fala de *caso* antes mesmo de porventura ser “negativo” face às expectativas teóricas e empíricas em presença, é porque pertence de facto à biografia essa reveladora inteligibilidade do singular, capaz de produtivamente desafiar a segurança afinal frágil e abusiva de muitas generalizações teóricas.

Quanto à noção de teoria, que em vários sentidos e vários momentos se foi chamado aqui neste percurso reflexivo relativizando e reavaliando criticamente enunciados dos mais típicos da retórica de acompanhamento da biografia, não é inoportuno insistir na sua natureza como sistema aberto. Sistema portanto permanentemente apto a entrar numa relação dialéctica com a empiria, e teoria por isso na sua conotação mais instrumental ou operatória: a da teoria tanto aplicada na prática como sempre transfigurada por essa prática. Não a teoria “superestrutura” abstracta, por lógica e “pura” que seja essa construção conceptual, mas sim a “teoria viva” no concreto como a certo passo lhe chamou Paul Thompson referindo-se ao entrosado biunívoco vinculando “dados e teoria” na sobreposição de quadro analítico e contexto de prova tão próprio da biografia — e que em Daniel Bertaux (1980: 205-208) poderíamos ver sob a designação de “ensaio de substuição” implicado na já exposta lógica de saturação.

E foi justamente assim que, depois de apreciar a aptidão da biografia para a restituição do papel do sujeito na história (intencionalidade, auto-reflexividade, decisão, protagonismo), ajudando melhor a ver o “efeito cumulativo das pressões individuais no sentido da mudança”, Paul Thompson encontrou o “segredo das suas potencialidades”: nesta “flexibilidade intrínseca do método” que permite a “teoria viva”...

“...fundado numa combinação de exploração e questionamento, no quadro de um diálogo com o informante: diálogo que significa que o investigador está preparado para receber o inesperado e, mais ainda, que o quadro de conjunto ele próprio, no seio do qual as informações são recolhidas, não é determinado pelo investigador, mas pelo informante, mais exactamente pela maneira como ele ou ela vêm a sua própria vida. É o questionamento do investigador que deve inserir-se neste quadro e não o inverso; e é normal que neste tipo de entrevista o essencial seja expresso sem referência a questões directas (...) Tudo isto tem uma consequência essencial: a recolha de récits de vida em terreno, pelo próprio investigador, torna-se um dos momentos de uma abordagem metodologicamente bem mais poderosa, e um processo contínuo de verificação e de reformulação de hipóteses, as primeiras descobertas conduzindo a teorizações e a novas questões — sendo sempre possível o retorno aos primeiros récits

de vida, mesmo às primeiras informações; e chega-se assim a uma abordagem sociológica no seio da qual a teoria tanto é viva como solidamente ancorada na realidade social" (Thompson, 1980: 255- 256).

Trabalhando no campo da história social, foi também assim que, num inventário bem representativo, Paul Thompson pôde mostrar como só com o retorno pela biografia as realidades supostamente já conhecidas e fixadas pela "teoria", acabariam afinal por de novo se revelarem em re-descobertas com a sua grande dose de inesperado. Ao mesmo, por certo, chegaria igualmente idêntico exercício na sociologia. A sociologia que tem tudo a ganhar com a biografia, embora na condição de enunciar problemas para resolver e melhor lhe usar as virtudes. E ainda a sociologia que teoricamente há-de eleger a *problemática do sujeito* na expectativa de que, com a biografia, se lhe devolve a *problemática da vida* desse sujeito. Então se assim for, enfim, sempre com a biografia ...

Notas

- 1 E era de tal modo enfática a tónica humanista em textos da altura, sobretudo de Ferrarotti e Bertaux, que excedendo-nos um bom bocado no tom, ao parecer confundir-se com o humanismo característico do biógrafos de profissão, com idêntico encantamento, dele estavam tão próximos que também "quase" poderiam ter mudado de profissão como este biógrafo, historiador de formação, que assim nos conta como a biografia entrou definitivamente na sua vida: "Quando comecei estudos de graduação em história em 1958, estava fascinado pela natureza poligonal da disciplina. Podemos, descobri, abordar o passado segundo várias perspectivas: como cientista social que estuda forças e tendências; como quantificador que emprega estatísticas para iluminar padrões de comportamento; como intelectual que explora o papel e impacto das ideias; ou como humanista que foca o lado humano do passado, examinando como a interacção das pessoas e acontecimentos configuram o curso da história". (Oates in Oates, 1986: 124). Stephen Oates não considerava a hipótese de ver o que o humanista vê sem ter de se ver a si *exclusivamente* na pele de humanista.
- 2 Talvez até o primeiro e mais emblemático indicador para esse fundamentalismo "de convicção", se assim se pode dizer, esteja na contundência da tomadas de posição (re)fundadoras de um Bertaux e de um Ferrarotti, por exemplo, vividas no início do relançamento da biografia sob o signo da "heresia" anti-institucional no sentido de irem contra as práticas científicas estabelecidas (epistemologia, teoria, métodos). Nestes termos, enquanto que em Itália Franco Ferrarotti chegou mesmo a sentir necessidade de se apresentar como "barão não baronal" justamente por liderar o movimento biográfico, idêntica inectiva contra o "sistema" se sente num Daniel Bertaux, mas agora partindo de lugares menos "escolásticos" e também menos centrais no campo académico em França — tal como um líder, aqui, de minorias criativas que, com o tempo, acabam por ganhar trunfos simbólicos e pleno direito a um lugar central. Bertaux, ele próprio, fala da conversão à biografia em jeito de auto-confissão ("Once I was a positivist...") num testemunho do seu percurso intelectual e biográfico, cuja viragem situava em Maio de 68, quando a herança "estruturalista" sofria vicissitudes face a essa conjuntura "quente" onde ao palco sobem as emoções humanas numa mobilização social "imprevisível" (Ferrarotti, 1984: Bertaux, 1981: 27ss).
- 3 Para um revisitar mais longo da noção de ilusão biográfica, e até numa perspectiva pessoal crítica face à crítica "objectivo-estruturalista" de Bourdieu, ver Conde (1993,II), texto onde o leitor encontrará formulado o modelo de uma biografia sociológica para um sujeito muito particular, os artistas, tendo então oportunidade de ver como concebemos o *uso na prática* da biografia devidamente situada no seu horizonte de recepção.
- 4 Mesmo que com uma evidência prática a situar-se na zona das trinta unidades em diversos estudos, convém salientar que o número de histórias de vida (quem e quantos ouvir) requeríveis para atingir

o ponto de saturação varia ele próprio em função das propriedades do *contexto* porque a saturação será tanto mais fácil e rápida quanto mais também estivermos face a práticas sensivelmente estabilizadas e mesmo ritualizadas, assim como com universos coesos, organizados em corpos colectivos (de "métier", por exemplo) ou fortemente marcados por uma dada particularidade (Alain Jeantet in AA.VV., 1981: 86-87). Esta constatação têm-na no casal Bertaux: "Se, aliás, as relações de produção forem tão constrangedoras que formem não apenas a vida de trabalho, mas ainda todo um modo de vida; se determinam, por um curioso efeito retroactivo, as origens sociais dos trabalhadores; se limitam as escolhas para estratégias de vida alternativas de tal modo que as pessoas são conduzidas a seguir pactos pré-estabelecidos e as suas tentativas para sair daí arriscam-se a falhar, então uma única história de vida pode ser teoricamente suficiente. Tudo havia sido dito então, mas certamente no início da pesquisa é-se demasiado ignorante para compreender o seu significado sociológico" (1981: 188).

- 5 Donde a importância conferida pelo autor à narração (*récit*) até como nova forma para o "discurso das ciências sociais", depois da hegemonia de um discurso comandado pela exposição estatístico-analítica. Entre o discurso oficial da "ciência" (lógico-explanatório) e o da "arte" (literatura biográfica), mas sem se confundir com nenhum deles, ficaríamos então com essa "terceira maneira" relativa à exposição narrativa, naturalmente ancorada na condução interpretativa da "prática" no seu estado essencialmente "prático". E exposição, acrescente-se, que necessariamente lida com "verdades interpretadas, parciais e pareáveis" porque advém tanto da experiência subjectiva do narrador, como do narratário, para além dos efeitos provindos da relação intersubjectiva mantida entre ambos (Bertaux, 1986:13-15). Quanto à ideia de que a prática (ou práxis) não é por definição "teorizável", pois não o será; mas se é a prática que procuramos conhecer para restituir, precisamos de guias para a interlocução biográfica e, no nosso entender, eles advêm justamente de uma "teoria da vida" com dimensões como a da *experiência, saber e projecto*, por nós teorizadas noutra lugar (Conde, 1993a), e depois inseridas numa configuração muito mais complexa a que chamamos de *complexo biográfico*, cruzando *vida e trajetória* (Conde, 1993, II).
- 6 A crítica, pois, de um Jean-Claude Kauffman, por exemplo, de que o biografismo sociológico se vai deixando descambar num "pontilhismo" contrário à "generalização" (in AA.VV., 1981:80), parece equívoca porque esse "pontilhismo" não só se justifica como é inerente ao uso da biografia singular e só se torna problemático *se e só se* justamente é a generalização que está em vista com o uso da rede de biografias. Assim, por exemplo, na intenção de uma "história social individual", e sobretudo interessado na expressão narrativa pessoalmente centrada de uma "visão do mundo", Maurizio Catani sentiu bastar-lhe ficar-se pelo relato de vida de *Tante Suzanne* (1986). Mas já para elucidar sobre padrões estruturais nas relações sociais de um dado sector de produção artesanal (a panificação em França), Daniel Bertaux e Isabelle Bertaux-Wiame precisaram de acumular relatos, tantos quantos os necessários para atingir o ponto de saturação, cada um confirmando o precedente ao mesmo tempo que abrindo novos filões, até que mais nenhum outro nada mais acrescentaria à generalização doravante possível. Para um estudo do género, ver entre nós Ferreira, Guerra, Matias e Stussi (1985).
- 7 Neste sentido, para uma exposição sistematizadora de procedimentos inerentes ao instrumento nos seus usos práticos, ver os trabalhos de referência de Jean Poirier e Simone Clapier-Valladon (com Paul Raybaut (1980; 1983; 1984)). Falam de condições e modos de recolha dos *récits*, sugestões de tratamento na leitura de uma dupla análise de conteúdo ("eventencial ou diacrónica" e "temático-simbólica" atenta às interpretações sócio-psicológicas do vivido). Os autores defendem ainda que, para efeitos de validação, e mesmo na opção por uma história de vida individual, os *controles de fiabilidade* devem requerer um percurso multicentrado jogando com *récits* complementares e cumulados, também diferentemente focalizados e cruzados entre si, quer em várias entrevistas com o indivíduo, quer em entrevistas junto dos seus vários "outros".
- 8 Só os usos heurísticos da biografia que se interrogam sobre o sujeito terão visão para teoricamente elucidar também sobre o *sistema de mediações*, sua tipologia, hierarquização e inter-influência: "espaços de chameira, campos sociais onde se condensam e se afrontam a prática singularizante e a configuração totalizante" (Ferrarotti, 1983:59ss). E isto, por forma a cumprir de facto o método progressivo-regressivo de que fala Ferrarotti na esteira das formulações fundadoras de Jean-Paul Sartre (1960), articulando uma leitura "vertical" e "horizontal" da biografia na síntese necessária entre abordagem "estrutural" e "histórica", do "sistema" e da "acção".

- 9 A sensibilidade sociológica para com as diferentes experiências sociais da subjectividade mostrará que nem em todas, com efeito, encontraremos um sujeito *investido* com uma auto-discursividade egocentrada. Nem todos são como os artistas e categorias intelectuais, por exemplo, regulados pelo valor normativo de uma individualidade tomada no sentido absolutamente idiossincrático e, por isso, insubstituível da pessoa. Ora, tendo em mente experiências de subjectividade mais estranhas a uma relação com vida cujo epicentro gira em torno do indivíduo — e veja-se o que dizemos a esse propósito em Conde (1993a) — compreende-se que haja quem se pergunte sobre as diferentes perspectivas do relato de vida — também nos pronunciámos sobre os diversos modos de falar da vida em Conde (1993b) —, perguntando-se ainda, com razão, se junto de grupos com menor descontinuidade entre indivíduo e comunidade (como os camponeses), e com uma memória pessoal devedora sobretudo da memória colectiva, não fará mais sentido abandonar a biografia “individualista” para trabalhar ao nível das biografias familiares e histórias de lugares, afinal os centros de referência para testemunhos pessoais (Michel Pinçon in AA.VV., 1981: 61; Zonabend, 1991).
- 10 “O estudo isolado é integrado no corpo principal dos conhecimentos do modo seguinte: tira antes de mais as suas hipóteses de um exame do que já é conhecido; depois, quando a pesquisa está realizada, se estas hipóteses forem confirmadas, são juntadas ao ramo do que é cientificamente conhecido e utilizadas como base de pesquisas ulteriores. O importante aqui é que as hipóteses são confirmadas ou infirmadas a partir do que foi descoberto no curso desta parcela de pesquisa” (Becker, 1986:110).
- 11 “Podemos decidir aceitar uma teoria se ela explicar, digamos, 95% dos casos que estão ao seu alcance. Muitos cientistas eminentes fazem-no. Inversamente, pode dizer-se que uma teoria que não explica todos os casos é inadequada e que os outros factores relativamente aos propostos pela teoria são decisivos para produzir o resultado que queremos explicar. É essencialmente uma questão de estratégia. Se admitirmos como normal a existência de excepções a todas as regras, talvez não procuremos outros factores explicativos com tanta obstinação como no caso inverso. Mas se considerarmos estas excepções como refutações potenciais de teoria, seremos incitados a examiná-las mais de perto. Fundamentalmente, o caso negativo ajudará a uma análise escrupulosa, sujeitando a direcção que deve tomar a pesquisa” (Becker, 1986: 107).

Referências bibliográficas

- AA.VV., *Approches sociologiques des modes de vie*, 2 vols, Paris, CSU-Centre de Sociologie Urbaine, 1981.
- AA.VV., “Archives orales: une autre histoire?”, *Annales-Economies-Sociétés-Civilization* n.º1, 35.º ano, Jan-Fev 1980.
- AA.VV. “Autobiographie en formation permanente”, *Education Permanente*, n.º 72/73, 1984.
- ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira, *A investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Presença, 1986.
- ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira, “Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais” in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1986(a).
- BECKER, Howard, “Biographie et mosaïque scientifique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.ºs 62/63, 1986.
- BELL, Daniel, *Contradictions culturelles du capitalisme*, Paris, PUF, 1979.
- BERTAUX, Daniel, *Histoires de vie au récit de pratiques*, Paris, Cordes, 1971.
- BERTAUX, Daniel, “L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités”, *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980.
- BERTAUX, Daniel, “From life-history approach to the transformation of sociological practice” in Daniel Bertaux (ed), *Biography and Society - the life history approach in social sciences*, Londres e Beverley Hills, Sage, 1981.
- BERTAUX, Daniel, SI MOUVONO, Eppur: the problem of expression of the individual in social science discourse”, *Newsletter*, Comité “Biography and Society” da ISA-International Sociological Association, n.º6, 1986.

- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude e CHAMBOREDON, Jean Claude, *Le métier de sociologue*, Paris, Mouton, 1968.
- BOURDIEU, Pierre, "L'illusion biographique", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nºs 62/63, 1986.
- CAMARGO, Aspásia, LIMA, Valentina, HIPÓLITO, Lúcia, "The life history approach in Latin America", *Récits de Vie/Life Stories*, nº1, 1985.
- CATANI, Maurizio, "Social-life history as ritualized oral exchange", in BERTAUX, Daniel (ed), *op.cit.*
- CATANI, Maurizio e MAGE, Suzanne, *Tante Suzanne - une histoire de vie sociale*, Paris, Méridiens, 1982.
- CATANI, Maurizio, "De l'enseignement centré sur l'écoute et l'expression de soi à l'approche biographique orale", *Education Permanente*, nºs 72/73, 1984.
- CHALASINSKI, Jozef, "The life records of young generation of polish peasants as a manifestation of contemporary culture" in BERTAUX, Daniel (ed), *op.cit.*
- CONDE, Idalina, "Artistas:vida, ilusão biográfica e contra-ilusão, I e II", *Análise Social* (a sair).
- CONDE, Idalina, "O nosso comum saber biográfico" in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento* (Actas do II Congresso Português de Sociologia), Lisboa, Editorial Fragmentos, 1993 (a sair) (a).
- CONDE, Idalina, "Falar da vida" (no prelo) (b).
- COURGEAU, Daniel e LELIEVRE, Eva, "L'approche biographique en démographie", *Revue Française de Sociologie*, XXXI, 1989.
- DENZIN, Norman, "The interactionist study of social organizations: a note on method" in BERTAUX, Daniel (ed), *op.cit.*
- DILTHEY, Wilhelm, "A compreensão dos outros e das suas manifestações de vida" in GARDINER, Patrick (ed), *op.cit.*
- ELDER, Glen, "History and the life course" in BERTAUX, Daniel (ed), *op.cit.*
- FERRAROTTI, Franco, *Histoire et histoires de vie — la méthode biographique en sciences sociales*, Paris, Méridiens, 1983.
- FERRAROTTI, Franco, Entrevista in *Education Permanente*, nºs 72/73, 1984.
- FERRAROTTI, Franco, "Sobre a autonomia do método biográfico", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº9, 1991.
- FERREIRA, António, GUERRA, Isabel, MATIAS, Nelson e STUSSI, Robert, *Perfil sociológico e estratégias do "clandestino" — estudo sociológico da habitação clandestina na Área Metropolitana de Lisboa*, CIES/ISCTE, 1985.
- FINGER, Matias, "La méthode biographique et les problèmes épistémologiques de la civilization occidentale", *Education Permanente*, nºs 72/73, 1984.
- GAGNON, Nicole, "Données autobiographiques et praxis culturelle", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980.
- GAGNON, Nicole, "On the analysis of life accounts" in Daniel Bertaux (ed), *op.cit.*
- KÁRPÁTI, Zoltán, "The methodological use of life history approach in a hungarin survey on mobility and urbanization" in BERTAUX, Daniel (ed) *op.cit.*
- KHOLI, Martin, "Biography: account, text, method" in BERTAUX, Daniel (ed), *op.cit.*
- LANGNESS, L.L., *História de vida na ciência antropológica*, S.Paulo, EPU, 1973.
- LEWIS, Oscar, *Os filhos de Sanchez*, Lisboa, Moraes, 1979.
- MACIOTI, Maria (org), *Biografia, storia e società — l'uso delle storie di vita nelle scienze sociali*, Nápoles, Liguieri, 1985.
- MAFFESOLI, Michel, "Le rituel et la vie quotidienne comme fondements des histoires de vie", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.LXIX, 1980.
- MAFFESOLI, Michel, *La connaissance ordinaire — précis de sociologie comprehensive*, Paris, Méridiens, 1985.
- MARSAL, Juan, "Morality and sociological practice", *Newsletter*, Comité "Biography and Society" da ISA-International Sociological Association, nº6, 1986.
- MILLS, C.Wright, *A imaginação sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- MORIN, François, "Pratiques anthropologiques et histoires de vie", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol.LXIX, 1980.

- MOZZICAFREDDO, Juan e outros, "Valores nos anos 90: romantismo ou pragmatismo?", secção de Debates: "As noites de sociologia" in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº8, 1990.
- MOZZICAFREDDO, Juan, "Pós-modernismo e Estado-Providência", *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº3, 1985.
- OATES, Stephen, "Biography as high adventure", in OATES, Stephen (ed) *Biography as high adventure: life - writers speak on their art*, Amherst, The Massachusetts Press, 1986.
- PAIS, José Machado, "Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana", *Análise Social*, Vol. XX (83), 1984, 4º.
- PASSERON, Jean-Claude, "Biographies, flux, itinéraires, trajectoires", *Révue Française de Sociologie*, XXVI, 1989, retomado no livro do autor, *Le raisonnement sociologique - l'espace non-poppérien du raisonnement naturel*, Paris, Nathan, 1991 (pp.185-206).
- PENEFF, Jean, *La méthode biographique*, Paris, Armand Colin, 1988.
- PINEAU, Gaston, "The dialectics of autobiographical operation", *Newsletter*, Comité "Biography and Society" da ISA - International Sociological Association, nº6, 1986.
- PINTO, José Madureira, *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos. Elementos de teoria e de pesquisa empírica*, Porto, Afrontamento, 1985.
- POIRIER, Jean e CLAPIER-VALLADON, Simone, "Le concept d'ethnobiographie et les récits de vie croisés", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980.
- POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone e RAYBAUT, Paul, *Les récits de vie - théorie et pratique*. Paris, PUF, 1983.
- POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, "La collecte du récit biographique", *Education Permanente*, nº 72/72, 1984.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, "O social e o político na transição pós-moderna", *Revista de Comunicação e Linguagens*, nºs 6/7, 1988.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Porto, Afrontamento, 1989.
- SARTRE, J-P., "Questions de méthode", in *Critique de la raison dialectique*, Paris, Gallinaud, 1960.
- SZCZEPANSKI, Jan, "The use of autobiography in historical social psychology" in BERTAUX, Daniel (ed), *op. cit.*
- THOMPSON, Paul, "Des récits de vie à l'analyse du changement social", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980, retomado em Daniel Bertaux (ed), *op. cit.*
- VIDAL, Claudine, "Pour un portrait d'Abidjan avec dames", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1980.
- VILGARD, Claire, "Histoires de vie et imaginaire: enquête dans les îles Karl en Norvège", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. LXIX, 1980.
- VILLIERS, Guy de, "Oto-biographie", *Education Permanente*, nºs 72/73, 1984.
- ZONABEND, Françoise, "A memória familiar: do individual ao colectivo", *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº9, 1990.